

Corpo e tempo: um olhar sobre a gramática da velhice

Body and Time: looking at old age grammar

Marcia Cristina Nascimento Dourado¹

Resumo: A velhice, como conceito, é inserida em um período de tempo historicamente delimitado, que atravessa o estatuto de um processo biológico inerente ao ser humano para o de uma construção social. A velhice é também representada a partir da relação entre corpo e tempo. Este artigo tem como objetivo discutir como a clínica psicanalítica se inclui na reverberação causada no sujeito pelas representações culturais, sua imagem e seus ideais.

Palavras-chave: velhice, afeto, corpo, tempo, culture, psicanálise.

Abstract: Aging, as a concept, belongs to a specific historical period of time, that crosses through the biological process to a social construction. Aging is also represented by the relationship between body and time. This article aims at discussing the inclusion of the psychoanalytic clinic in the reverberation caused by cultural representations, image and ideals in old people.

Keywords: old age, affect, body, time, culture, psychoanalysis.

1. Doutora em Saúde Mental - IPUB/UFRJ; Bolsista Pós-doutorado Recém-Doutor - FAPERJ; Associado ao Fórum do CPRJ.

“Havia enunciado o louco desejo de conservar-se jovem, enquanto envelhecesse o quadro... Ah! se sua beleza não devesse fenecer e fosse permitido ao retrato, pintado nessa tela, carregar o peso de suas paixões, de seus pecados! A pintura não poderia, pois, ficar assinalada pelas linhas de sofrimento e dúvida enquanto ele conservasse o desabrochar delicado e a lindeza de sua adolescência?” (WILDE. O, 1993, p.100).

Em *Inibição, sintoma e angústia* (1926), Freud acentua a importância dos afetos no processo de constituição do psiquismo. Assimilada a ordem do desprazer, a angústia é para Freud um estado de afeto provocado por um acréscimo de excitação que tenderia ao alívio por uma ação de descarga. É através da sua ligação específica com os processos de descarga motora que ela se diferencia de outros afetos que também são caracterizados por um intenso desprazer como o luto e a dor. Freud vai considerá-la cada vez mais como a marca histórica das tendências através das quais se manifestam o impacto do traumatismo, os avatares da relação de objeto e o mal-estar de um Eu atormentado pelas vacilações de sua integridade.

Angústia e medo são afetos distintos, pois a angústia se relaciona a expectativa diante do desconhecido, ou seja, uma qualidade de indefinição e falta de objeto, enquanto o medo seria o afeto diante de um objeto, de um perigo conhecido. Se entre angústia e medo a distinção é feita através da presença do objeto, entre a angústia real e a neurótica o perigo será o fator determinante: angústia real quando o perigo é real e verdadeiro, que ameaça a partir de um objeto externo e conhecido, e angústia neurótica que se dá a partir de uma exigência pulsional. Duas são as reações possíveis ao perigo real: uma reação afetiva – a angústia – e outra protetora que permite a fuga da situação perigosa. Diante do perigo pulsional, as duas reações podem funcionar em cooperação, uma dando sinal para que a outra surja ou, ao contrário, produzindo uma paralisia, uma vez que o objeto é interno.

Em Lacan (1962-63), a angústia resultaria menos de uma ressurgência traumática que de uma vacilação da estrutura psíquica, na medida em que esta tenderia a se apropriar de momentos regressivos de sua formação. Tomando como base os registros do real, simbólico e imaginário, é sempre nos confins do real que surge a ameaça, aquela que aponta o perigo do retorno ao caos, evocada de outra maneira pelo retorno ao seio materno. A angústia encontra aí sua origem, e não podendo expressar esse momento eminentemente metapsicológico através da linguagem, anima a dialética do desejo que não cessa de fazer o sujeito perguntar a si mesmo sobre o que ele representa para o desejo do Outro.

Lacan interpreta a angústia como um afeto que se encontra à deriva entre os significantes. A “rede” seria aquilo que poderia capturar, uma “malha” que prende o que recebe o nome de angústia (Lacan, 1962, p.63). A angústia é o que aponta para aquilo de mais estranho (*Unheimlich*), mas também para aquilo de mais íntimo, sua “ex-timidade”.

A gramática da velhice

A partir destas noções sobre angústia, cabe-nos perguntar então, por que a velhice, sendo algo tão velho, tão familiar, é causa de angústia e assombro, na medida em que surge próxima daquilo que Freud nomeou de *Unheimliche* (1919)?

Uma das formas do *Unheimliche* é o duplo (Freud, 1919). Inicialmente é proposta uma determinada cadeia com a fantasia, um estádio em que o duplo tinha um aspecto mais amistoso, transformando-se em horror após o recalque. Entretanto, *Unheimliche* se associa ainda ao desamparo, à repetição, aos futuros não cumpridos, à queda da onipotência do pensamento, à angústia, ao assustador e à morte (Mucida, 2004). Todos estes aspectos têm uma aproximação com o real da castração, um real diante do qual o sujeito está desamparado, separado dos significantes que o nomeiam.

Freud destaca que um estranho efeito se apresenta quando se extingue a distinção entre imaginação e realidade, “como quando algo que considerávamos imaginário surge diante de nós na realidade, ou quando um símbolo assume as plenas funções da coisa que simboliza” (Freud, 1919, p.301). Tudo isso não é estranho à velhice. Não temos exatamente uma imagem de nós mesmos como velhos, já que esse é um processo silencioso. Temos, contudo, uma antecipação da mesma pelo Outro, um Outro no qual nem sempre nos reconhecemos.

Mas, o que é estar velho, para além da consistência da imagem que impõe modificações imperceptíveis a nós mesmos? Quando nos tornamos velhos?

O mal-estar causado pela brusca percepção do envelhecimento corporal, associa o velho à incapacidade, à mudez, à cegueira e à surdez que produzem paralisação, restando-lhe as faltas: falta de saúde, falta de trabalho, falta de atividade, falta de companhia e, principalmente, falta de desejo. Todas estas faltas evidenciadas em um corpo, que é o limite e a extensão do contato e relação com o mundo.

Cabe perguntar: de que corpo falamos? Do corpo biológico? Do interior do corpo associado no senso comum à alma, ou espírito? De sua superfície, limite-pele que não se confunde com o exterior do corpo? Do

corpo expressivo, veículo do relacionar-se do eu com o mundo? Do corpo das paixões, fonte de prazer e sofrimento?

Em psicanálise, por se tratar de uma lógica pulsional, é sob os pressupostos fundamentais da pulsão que devemos nos situar e tirar as conseqüências possíveis. Em 1915, Freud diz que sob o ponto de vista biológico a pulsão é um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente como uma medida de exigência feita a esta no sentido de trabalhar em conseqüência de sua ligação com o corpo. Esse conceito de pulsão define a noção de corpo em psicanálise. Por se situar em uma fronteira, não exclui nem o somático, nem o psíquico, mas os articula, isto é, há um funcionamento particular de cada lógica que se conjuga no campo pulsional. Há uma temporalidade corporal e uma atemporalidade psíquica, isto é, uma cisão entre corpo e psíquico, rearranjada com base no conceito de pulsão. Assim, não é possível deixar de pensar que uma das questões da velhice é a presença de um desencontro acentuado entre temporalidades e corpos. O sujeito exercita durante a vida suas posições subjetivas, seus investimentos libidinais, e o corpo biológico impõe progressivamente maiores dificuldades para corresponder ao campo do desejo (Soares, 2005).

O corpo também é fonte dos sentidos: ver, cheirar, tocar e ouvir – corpo percepção. O ato de perceber o outro se dá através do corpo/sentidos, já que o outro corpo nos afeta desde um exterior. Por outro lado, também somos afetados desde um interior, afinal a percepção do outro se estende além de um corpo. Assim, a escuta do tom de uma voz está impregnada por marcas internas – psíquicas e corporais – de tantas e tantas vozes vividas, que nos remete, sobretudo a afetos e vozes outras que, no processo de constituição do sujeito foram imprimindo, marcando e gerando sentidos inconscientes que são determinantes no seu estar no mundo. No interior de cada encontro, afetos são disparados e a dimensão de possibilidade do encontro vai depender da negociação que cada um pode fazer com essas vivências e marcas.

No corpo desfiam-se diferentes histórias, de diferentes corpos: de uma história dos tecidos celulares, de uma história de marcações pulsionais e ainda de uma história libidinal narcísica, todas elas articuladas em um sujeito. O perceber do Eu é modelado por seus encontros primeiros, circunscritos pela cultura. Assim sendo, lidar com o corpo na velhice pode ser muito difícil porque, tanto o próprio velho como os outros o estigmatizam, rejeitam e isolam. O contato que o velho tem com o seu corpo é impreg-

nado de vergonha e medo, porque este corpo denuncia sua condição de mortal, o limite, restando perguntar com perplexidade e estranheza sobre quem é este outro parecido comigo, mais velho que um ideal conservado na lembrança?

Ao passo que a criança se rejubila antecipando sua unidade corporal, o velho se angustia ao antecipar um corpo fragmentado, arrebatado, um corpo de morte (Dourado, 2000). Lembramos de Freud ao relatar sua estranheza ao, na velhice, defrontar-se com a própria imagem:

Estava eu sentado sozinho no meu compartimento no carro-leito, quando um solavanco do trem, mais violento do que o habitual, fez girar a porta do toailete anexo, um senhor de idade de roupão e boné de viagem, entrou. Presumi que ao deixar o toailete, que ficava entre os dois compartimentos, houvesse tomado a direção errada e entrado no meu compartimento por engano. Levantando-me com a intenção de fazer-lhe ver o equívoco, compreendi imediatamente, para espanto meu, que o intruso não era senão o meu próprio reflexo no espelho da porta aberta. Recordo-me ainda que antipatizei totalmente com a sua aparência. (FREUD, 1919, p.309).

Sendo, então, o veículo da denúncia dos limites, o corpo dói. A dor que denuncia as imperfeições insiste e ocupa um lugar privilegiado na imagem que o velho tem de si mesmo, pois falar de dor é discurso socialmente aceito. Falar de angústia de morte é profanar a vida. Como Dorian Gray assistimos impotentes ao envelhecer de nossa imagem sem, contudo, sentir realmente os efeitos do envelhecimento. O velho é sempre o outro em quem não nos reconhecemos. O envelhecimento do corpo biológico, aquele sobre o qual não há palavra que imponha ordem, nos mostra uma imagem não mais condizente com o ideal que guardamos. A imagem do espelho não corresponde à imagem da memória, pois antecipa ou confirma a velhice, enquanto a imagem da memória quer ser uma imagem idealizada que remeta a um mesmo Eu.

Afinal, quando se fica velho? A premissa fundamental do estatuto do sujeito para a psicanálise é que este não envelhece. Assim sendo, a gramática da velhice não pode ser associada à idade cronológica. A velhice se associa ao limite da imortalidade do Eu, impondo uma nova prova de realidade. Trata-se do jogo de forças entre a temporalidade do eu e a atemporalidade do inconsciente.

A temporalidade freudiana é marcada e carregada das intensidades, significações e repetições do instante e seus afetos. O tempo seria, então, um fator determinante da construção da subjetividade humana através

do seu papel na rememoração, repetição, o tempo mítico das origens, a historicização.

Por ser o inconsciente a pedra fundamental da psicanálise não há uma preocupação freudiana em caracterizar o tempo vivido, tempo da consciência. No tempo vivido o homem não experiencia suas histórias e assim não se constitui como sujeito, pois não se trata de um tempo subjetivo. O tempo vivido reflete uma sucessão de fatos e momentos; o tempo subjetivo é uma qualidade, opera com afetos e por isso é construído, de forma que a história do sujeito é descontínua, emaranhada, totalmente distinta da história contida no tempo vivido.

O processo de ressignificação do passado não se esgota no tempo, de forma que a temporalidade é constituída a partir da subversão das dimensões do tempo linear: no presente avaliam-se as realizações e fracassos ressignificando o passado e planeja-se o futuro; o passado atribui sentido ao presente e se projeta no futuro, mas é justamente diante da consciência de finitude do futuro que se impõe uma exigência de ressignificação. Ressignificar não é retificar. Na temporalidade subvertida ancora-se a subjetividade e o Eu é reconhecido como histórico.

A história não é uma simples acumulação de recordações, uma memória de fatos com sentido e coerência, mas constitui-se de acontecimentos com a possibilidade de produzir efeitos de sentido e significação no presente. O que interessa do passado evocado é o que se relaciona com sua repetição atualizada e com a dialética permanência e mudança. Portanto, há um tempo marcado pelo atemporal, o não cessar de não se escrever, o real, tempo do inconsciente, tempo do sujeito que não envelhece. Há também um tempo que não cessa de se escrever e que passa. Por fim, há um tempo que funciona como *a posteriori* e permite novas inscrições, tempo marcado pela contingência definida por Lacan como o cessar de não se escrever. É o *a posteriori* que une os outros dois tempos, o atemporal e o temporal. É ele que fará junção do que não envelhece com o que envelhece e passa no decurso do tempo.

Na velhice quando uma dessas dimensões – passado, presente ou futuro – se rompe, provoca o desnodoamento das demais; o passado não é atualizado no presente e o futuro se torna obscuro, sem perspectivas, futuro de angústia. A velhice seria o momento em que, ao prevalecer um determinado enfraquecimento do tempo presente, devido ao afrouxamento dos laços afetivos e sociais e a inúmeras perdas, seria imposta ao sujeito a criação de novas formas de atualizar seu passado, enlaçando-o ao futuro (Mucida, 2004). Ela demanda um novo enodar do tempo, uma vez que a

problemática da castração é atualizada a partir do luto do que se foi e o que se é.

Se a velhice atualiza de forma intensa a problemática da castração, ela impõe também um tratamento do real e do imaginário pelo simbólico, e isso não indica por si só uma perda do desejo ou o irreparável. Dessa forma, é fácil entender que também na velhice o infantil continuará a impor seus efeitos sob a pena do desamparo, apresentando-se como o perigo da perda do amor, da insuficiência para conduzir a sobrevivência, da angústia relativa ao desejo do Outro e ao próprio desejo, podendo ser, inclusive, o momento em que o sujeito vive seu desamparo de maneira mais aguçada.

Na gramática da velhice, não é possível deixar de pensar que ela surge como um mero pano de fundo ou um cenário para uma peça que se desenvolve ao longo da vida. Incredulamente, em alguns momentos é difícil escapar da percepção de que o velho que seremos já nos habita desde sempre, silenciosamente. Esse “destino pessoal” traçado na velhice é completamente singular e cada um inscreverá a forma de gozar que lhe é própria. Portanto, cada um envelhece apenas de seu próprio modo, já que o escrito será reescrito atualizado com base em traços particulares.

No entanto, será que ser velho é ficar paralisado em um tempo passado de realizações e perdas, fazendo com que o futuro se torne apenas um borrão indefinido, morrendo-se um pouco a cada dia para despistar a morte? Bobbio (1997) afirma que, na velhice, não se consegue escapar à tentação de refletir sobre o próprio passado, que existe com o peso das recordações surgidas após anos de desaparecimento. O presente é fugidio e o futuro pertence à imaginação, reduzindo-se até o completo desaparecimento. É a certeza de habitar um único corpo, quaisquer que sejam suas modificações, que nos garante uma identidade e permanência (Aulagnier, 1989).

O velho não pode ser pensado apenas como produto da responsabilidade individual ou da deformação decorrente do desgaste do corpo, já que precisam ser consideradas as implicações que os fatores físicos, sociais, culturais e psicológicos engendram. A associação destes fatores nos confronta com os diversos mitos sob os quais a velhice se apresenta na clínica: a velhice como o estranho, a velhice como doença, a velhice das manias e enrijecimento, a velhice sábia e boa, a velhice liberta das paixões da alma e das exigências da carne, a velhice como sinônimo da morte.

Ao longo do tempo, foram feitas diversas tentativas de adaptação das teorias psicanalíticas existentes, de forma a que pudessem vir a aliviar o sofrimento psíquico do sujeito velho, mas ainda é clara a necessidade da psi-

canálise avançar em suas pesquisas, uma vez que a velhice como construção social está associada a um grande espectro de problemas, pois estabelece direitos, deveres e possibilidades com os quais o sujeito se identifica. Como consequência, se estabelece uma norma que passa a impor e regular os atos destes sujeitos. Além disso, o fato do termo velhice engendrar um tipo específico de subjetividade, uma vez que o grande drama dos velhos não se refere apenas à velhice propriamente dita, mas sim, às relações mantidas entre o velho, sua imagem e seus ideais (Goldfarb, 1998). Pensar a velhice como um constante e sempre inacabado processo de subjetivação pode ser uma nova direção para o lidar com a angústia e a estranheza.

Marcia Cristina Nascimento Dourado

Rua Barata Ribeiro, 587/301

Copacabana – Rio de Janeiro – RJ

CEP: 22051-000

Tel.: (21) 2239 - 7570

E-mail: marcia.dourado@terra.com.br

Referências

AULAGNIER, Piera. *O aprendiz de historiador e o mestre-feiticeiro: do discurso identificante ao discurso delirante*. São Paulo: Escuta, 1989.

BOBBIO, Norberto. *O tempo de memória: de senectude e outros escritos autobiográficos*. Rio de Janeiro: Campos. 1997.

DOURADO, Marcia Cristina Nascimento. *Há menos de mim hoje do que havia ontem: demência e subjetividade*. Rio de Janeiro: PUC, 2000.

FREUD, Sigmund (1919). *O estranho*. Rio de Janeiro, Imago, 1987. (E.S.B.,17).

_____. (1926). *Inibição, sintoma e angústia*. Rio de Janeiro, Imago, 1987. (E.S.B., 20).

GOLDFARB, Delia Catulo. *Corpo, tempo e envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

LACAN, Jacques. *O seminário: livro 10: a angústia (1962-1963)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

MUCIDA, Angela. *O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOARES, Flávia Maria de Paula. O conceito de velhice: da gerontologia à psicopatologia fundamental. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, VIII, n. 1, p.86-95, 2005.

WILDE, O. *O retrato de Dorian Gray*. São Paulo: Francisco Alves, 1989.

Artigo recebido em 21 de julho de 2008

Aprovado para publicação em 05 de agosto de 2008